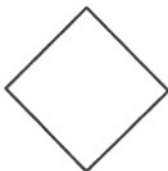


Morfologia de algumas formas verbais em Shakespeare



Graça Fonseca

Introdução

Neste artigo, analiso a morfologia das formas verbais na fala dos dois Palhaços no início do V Acto de *Hamlet* de Shakespeare, comparando-as quer com as formas dos períodos anteriores, *Old* e *Middle English*, quer com formas posteriores do *Modern English*, por dois motivos: em primeiro lugar, tratando-se de um estudo restrito, parece-me que será mais adequado, a partir de um texto relativamente curto, fazer a análise de um dos níveis da realização linguística, a gramática, e, dentro desta, destacando a morfologia das formas verbais; em segundo lugar, a fala dos dois Palhaços, representativa de um uso da língua de um estrato social baixo, estará mais próxima da linguagem coloquial sem grandes influências literárias.

Servir-me-ei da edição de *Hamlet* da Cambridge University Press feita por John Dover Wilson.

Língua e sociedade na Inglaterra dos séculos XV a XVII

Segundo A. Baugh & T. Cable (1970, p. 199-201), o período do *Modern English*, cujo início se pode datar de 1500, foi marcado pela influência de novos factores que fizeram com que o desenvolvimento da Língua Inglesa seguisse linhas de orientação diferentes das que tinham caracterizado a sua história na Idade Média. A imprensa, inventada na Alemanha em meados do século XV e que exerceu grande influência em todas as línguas vernáculas europeias, foi introduzida na Inglaterra por William Caxton em 1476 e permitiu a impressão de um grande número de livros em Língua Inglesa acessíveis a todas as classes

sociais. Consequentemente, assiste-se a um rápido processo de alfabetização, de tal modo que, em Londres, na época de Shakespeare, é provável que 50% das pessoas soubessem, pelo menos, ler. Um factor de grande importância para a Língua Inglesa, no *Modern Period*, foi o desenvolvimento do comércio, de rápidos meios de comunicação e de transporte que, unindo diferentes regiões do mundo, favoreceu trocas comerciais e de ideias estimulantes para a Língua. Se, por um lado, a imprensa e os hábitos de leitura foram favoráveis a uma expansão das ideias e ao enriquecimento do vocabulário, por outro lado, estes mesmos factores, aliados ao aparecimento de uma consciência social que leva o indivíduo a identificar-se com um determinado grupo social ou económico, adoptando os padrões gramaticais das pessoas com quem se identificou, contribuíram activamente para a promoção e estabilização de uma forma *standard*, especialmente a nível gramatical. Assistimos, assim, no *Modern English*, a mudanças relativamente pouco profundas na gramática em contraste com mudanças revolucionárias a nível do léxico, precisamente o oposto do que se verificou no *Middle English*. O que caracteriza a gramática da Língua Inglesa no século XVI e princípios do século XVII é, sobretudo, a sobrevivência de determinadas formas e usos que desapareceram desde então em detrimento de quaisquer desenvolvimentos fundamentais.

Segundo Barbara Strang (1970, p. 145-6), quando se olha para uma página de Shakespeare, saltam-nos aos olhos diferenças morfológicas na estrutura verbal de tal modo que, no *EMnE*, pelo menos, não encontramos o grau de uniformização na morfologia verbal a que estamos habituados presentemente.

A morfologia das formas verbais

I. As desinências verbais

a) O modo indicativo

Começando a analisar a flexão, verifica-se que a forma verbal "hath" (l. 4) conserva a desinência *-th* herdada das tribos indígenas do Sul de Inglaterra e que é mais característica de discursos solenes do que da linguagem coloquial. Esta forma persistiu, segundo Jespersen (1972, p. 190), até meados do século XVIII. No decurso do século XVI, aumenta o número de formas verbais com a desinência *-s* ou *-es* na 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo, especialmente em textos escritos, oriundos do dialecto do Norte de Inglaterra e que foi a que prevaleceu. Assim, e coexistindo com a terminação *-th*, predominam no texto formas com *-s*, consideradas, por Jespersen (1972, p. 189),

coloquialismos, e, como tal, permitidas na poesia e sobretudo no drama: "seeks" (l. 2), "lies" (l. 10), "argues" (l. 11), "finds" (l. 4), "goes" (l. 17), "builds" (l. 41). É, também, característica do sistema verbal isabelino a existência da desinência *-s* ou *-es* na 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo, não se sabendo ao certo qual a sua origem. Há quem, segundo Baugh & Cable (1970, p. 247), a atribua à influência do dialecto do Norte ou à analogia com a forma da 3.^a pessoa do singular: "the houses he makes lasts" (l. 59), "the gallows does well" (l. 45-6). Ainda por influência do mesmo dialecto, vamos encontrar as desinências *-st* e *-est* na 2.^a pessoa do singular do presente do indicativo que, segundo Barbara Strang (1970, p. 201), são terminações especiais que persistiram por concordância com *thou*: "thou say'st" (l. 26), "thou dost" (l. 42), "thou answerest" (l. 38).

b) O modo conjuntivo

O modo conjuntivo, bastante mais utilizado no *OE* do que no *MnE*, não dava qualquer indicação de pessoa, mas apenas de tempo e número. As desinências eram, no *OE*, *-e*, para o singular, e *-en* para o plural tanto no presente como no pretérito (Pyles, 1971, p. 146). Este modo, segundo Emerson (1924, p. 375), continuou a ser usado no *MnE* e, com alguma frequência, em Shakespeare, embora sem as flexões do *OE*: "if I drown myself" (l. 10), "if the man go" (l. 16), "if the water come" (l. 18). No *PE*, o conjuntivo foi quase completamente substituído pelo indicativo, excepto na poesia.

c) O modo imperativo

O imperativo de todos os verbos que, no *OE*, terminava em *-e* ou *-a* (singular) e em *-a* (plural), *ME* *-eth*, perdeu (Emerson, 1924, p. 375) todas as desinências no *ME*, tanto no singular como no plural. Assim, deparamos, no texto, com várias formas não flexionadas do imperativo singular: "give me leave" (l. 15), "come, my spade" (l. 29), "tell me that" (l. 52), "cudgel thy brains" (l. 56), etc. É de notar que três destas formas imperativas têm o sujeito expresso depois do verbo para o tornar enfático: "hear you" (l. 14), "mark you that" (l. 17), "get thee" (l. 59-60).

d) O modo infinitivo

Analisando o infinitivo, segundo Emerson (1924, p. 375-6), verifica-se que o infinitivo com *-an* (por exemplo, *bindan*) e a sua forma flexionada com *-anne*, indistintas no *ME*, foram no *MnE* reduzidas à forma actual. Já no texto de Shakespeare nos aparecem infinitivos não flexionados. Por outro lado, a partícula *to*, actualmente fazendo parte da forma infinitiva, pertencia, originalmente,

apenas à forma flexionada, vindo gradualmente a fazer parte de quase todos os infinitivos. Por exemplo, "to act", "to do", "to perform" (l. 11-12).

II. O verbo *to be*

No que diz respeito ao verbo *to be*, as formas singulares do presente do indicativo no *EMnE* eram *am*, *art*, *is*, aparecendo as duas últimas na fala dos dois Palhaços: "art" (l. 35), "is" (l. 3). Esta última aparece também no texto, em vez de *are*, para a 3.^a pessoa do plural ("there is no ancient gentlemen", l. 29), "the gallows is built" (l. 8 e 47). O verbo *be* está presente também como auxiliar da voz passiva (l. 47) que, no *MnE*, sofre transformações crescentes, já sendo visível, na linha 58, uma passiva idiomática ("you are asked"), na qual o complemento indirecto da voz activa assume a função de sujeito.

III. As formas contraídas

Abundam no texto formas verbais contraídas consideradas por Pyles (1971, p. 207) coloquialismos: "'tis" (l. 8) foi substituída por *it's* que data, como forma verbal escrita, do século XVII. Note-se que, neste caso e segundo Pyles (1971, p. 207), a redução insiste mais no pronome do que no verbo. O mesmo se passa com "is't" (l. 22), equivalente a *is it* e com "ll" (l. 37-8), equivalente a *will* que aparece no texto como verbo auxiliar do futuro simples, ou seja, com um dos sentidos que tem hoje. O *EMnE* ainda manteve o infinito contraído "ha" (l. 23), equivalente no *ME* a *han*, *MnE have*.

IV. A negação e o verbo

Passando à negação, verifica-se que é visível no texto a formação dessa negação sem recurso ao auxiliar *to do* e com *not* depois do verbo: "drowns not" (l. 19), "shortens not" (l. 20), "answers me not" (l. 38), o que me leva a concluir que o referido verbo aparece na fala dos Palhaços não como verbo auxiliar, mas como principal com o sentido de fazer: "the gallows does well [...] do ill", nas linhas 45 a 47. Isto deve-se ao facto de, segundo Pyles (1971, p. 205), a maior parte das formas negativas contraídas com *n't* ocorrer pela primeira vez na escrita no século XVII. A negação *not*, do *OE noht*, colocada depois do verbo, é reminiscência do *ME*, onde eram vulgares as formas *I say not*, *I know not*. Coexistiam, por vezes, segundo Emerson (1924, p. 384), formas fossilizadas do padrão de pré-negação do *OE* exemplificadas no texto pela forma *nill* (*ne + will*), equivalente a *won't* na expressão "will he nill he" (l. 17).

V. O passado e o particípio passado

Analisando o passado e o particípio passado das formas verbais, verifica-se que muitos dos verbos fortes do *OE* desapareceram e outros tornaram-se fracos. A mudança de verbos fortes para fracos observa-se também no *ME* e na transição deste para o *MnE*. Além disso, as formas verbais fortes que permaneceram vão sofrer flutuações e alterações nos dois tempos. Vamos encontrar estas tendências em Shakespeare, coexistindo no texto pretéritos e particípios passados fracos e fortes. A forma verbal "found" (l. 8) é um particípio passado de um verbo que manteve a vogal (*uu*) do pretérito do plural do *ME* *founden*, substituindo assim a vogal original do singular. O pretérito "bore" (l. 37) resultou da assimilação com o particípio passado *born*. *Bore*, por vezes, coexiste em Shakespeare com *bare* (do *ME* *bar*) que só sobreviveu no Inglês actual na língua erudita. O verbo *dig* que, segundo Pyles (1971, p. 199), não tem origem no *OE*, aparece no texto com flexão fraca no pretérito – "digged" (l. 36) –, forma que foi posta de parte no século XVII, tendo sido substituída pelo pretérito forte *dug*, por analogia com o pretérito de verbos do mesmo tipo (*sling, slung; fling, flung; sting, stung*). Como vemos, o padrão *i,u* foi o que prevaleceu. *Could* adquiriu o *-l-* não etimológico (provém do *ME* *coude*) no século XVI também por analogia com *would*. Analisando o passado do verbo *to be*, a raiz indo-europeia *wes* que, segundo Emerson (1924, p. 382), se tornou flexionada em vários tempos verbais no *OE*, manteve-se na sua forma verbal do *ME* e *MnE* *was* (1.^a e 3.^a pessoas) que vamos encontrar no texto nas linhas 32-3. O pretérito *had*, *ME* *hadde*, aparece no texto como verbo principal (l. 34) e como auxiliar de um tempo composto, o *past perfect* (l. 23-4).

VI. O futuro

Por volta de 1600, começa a ser utilizada a expressão *be going to* para exprimir o futuro imediato, embora no texto deparemos com a frase "is she to be buried" (l. 1) que é um esboço de um futuro imediato com omissão de *going*. O auxiliar de modo *will* aparece no texto para exprimir a ideia de futuro (l. 23 e 37).

VII. As formas progressivas

Quanto às formas progressivas, o Inglês isabelino, segundo Baugh & Cable (1970, p. 245), caracteriza-se por uma escassez das mesmas visto que só se desenvolvem no século XVIII. Será que Shakespeare utiliza a forma latina "se offendendo" (l. 9) em substituição de uma dessas formas? No entanto,

aparece-nos no texto o verbo substantivado "beating" (l. 67) que é um gerúndio pedido pela preposição *with*.

VIII. Os verbos auxiliares de modo

Os verbos "must" (l. 9), "can" (l. 53), "should" (l. 27), "will" (l. 37), "could" (l. 37) aparecem, no texto, como verbos auxiliares de modo seguidos de infinito e com o sentido que lhes é hoje atribuído, embora, segundo Barbara Strang (1970, p. 148), até mais ou menos 1600, alguns destes verbos fossem usados como verbos principais não seguidos de infinito (exemplo, *I can no more*).

Para finalizar, segundo Pyles (1971, p. 209), as construções reflexas são frequentes no *EMnE*, embora tenham sido bastante mais utilizadas no *ME*. Shakespeare emprega-as muitas vezes e encontramos, na fala dos Palhaços, vários exemplos: "she drowned herself" (l. 12), "he drowns not himself" (l. 19), "confess thyself" (l. 39), "hang themselves" (l. 28).

Conclusão

Apesar de todo o esforço de se conseguir, na Renascença, a estabilização de uma forma *standard*, muitos aspectos da Língua Inglesa não podiam ainda ser considerados estáveis no final deste período. Existia, a par de experiências com palavras novas e variações na pronúncia e na ortografia, uma variedade considerável de formas alternativas na gramática, como podemos comprovar pelos exemplos apresentados. A relação entre a linguagem literária e o Inglês coloquial era tão íntima que Shakespeare utilizou constantemente na escrita coloquialismos (formas verbais contraídas, negativas e interrogativas sem *do*, a desinência *-s* da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, mistura de pré e pós-negação) paralelamente com um estilo literário elevado.

Em síntese e concordando com Henry Sweet (1924, p. 13), a diferença principal entre o *EMnE* (1500-1650) e o *LMnE* (1650-1800) é que o primeiro é um período de experimentação e liberdade tanto na importação como na formação de novas palavras, expressões idiomáticas e construções gramaticais, enquanto o segundo é uma época de selecção e organização.

ABREVIATURAS UTILIZADAS

OE = *Old English*

ME = *Middle English*

EMnE = *Early Modern English*

LMnE = *Late Modern English*

MnE = *Modern English*

PE = *Present English*

l. = linha

Referências

- BAUGH, A. C.; CABLE, T. (1978) – *A history of the English Language*. 3rd Edition. London: Routledge.
- EMERSON, O. F. (1924) – *The history of the English Language*. London: Macmillan and Co. Limited.
- JESPERSEN, O. (1972) – *Growth and structure of the English Language*. Oxford: Basil Blackwell.
- ONIONS, C. T. (1958) – *A Shakespeare glossary*. Oxford: O. U. P.
- PYLES, T. (1971) – *The origins and development of the English Language*. New York: Harcourt, Brace, Jovanovitch, Inc.
- SHAKESPEARE, W. *Hamlet* – Edited for the Syndics of the Cambridge University Press by John Dover Wilson. Cambridge: C. U. P., 1969.
- STRANG, B. M. H. A. (1970) – *History of English*. London: Methuen and Co. Ltd.
- SWEET, H. (1924) – *A short historical English grammar*. Oxford: O. U. P.